

**ALÉM DAS QUATRO LINHAS DA QUADRA ESPORTIVA:
A ARQUIBANCADA COMO LÓCUS INVESTIGATIVO**

***Eixo Temático 30 – PRÁTICAS CORPORAIS: DIÁLOGOS COM
GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE***

Myllena Camargo de Oliveira ¹
Angelita Alice Jaeger ²

RESUMO

Objetivamos identificar e analisar os sujeitos que ocupam a arquibancada nas aulas de quatro esportes coletivos ofertadas em um curso de formação inicial em Educação Física. Realizamos uma pesquisa qualitativa com inspiração etnográfica em quatro disciplinas de esportes coletivos, cujos participantes foram 86 futuros/as professores/as. As fontes de pesquisa foram produzidas pela observação participante, registrada em diário de campo. Assim, foram construídas categorias analíticas pelo processo de compilação, decomposição e recomposição. Os resultados indicam que os sujeitos que ocupam a arquibancada nas aulas são mulheres, homens com deficiência, homossexuais ou indígena, conjuntura que ainda denota o esporte como um lugar de supremacia de homens heterossexuais, brancos e sem deficiência.

Palavras-chave: Gênero; Esporte, Formação Inicial de Professores.

INTRODUÇÃO

A partir da consolidação da disciplina de Educação Física na escola e dos conteúdos esportivos, indiscutivelmente presentes nas aulas, meninos e meninas recebem tratamentos diferenciados, uma vez que suas expectativas corporais são diferentes

¹ Mestra em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, Professora da Educação, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal Farroupilha *campus* Frederico Westphalen - RS, myllena.oliveira@iffarroupilha.edu.br;

² Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora associada do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, RS. angelita@ufsm.br

(ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012), e as metodologias utilizadas muitas vezes reafirmam as diferenças culturais (MARTINS et al., 2020). Tal realidade exige que os/as professores/as de Educação Física estudem a fim de tornar o espaço educativo, um lugar mais acolhedor às aprendizagens dos meninos e das meninas. Não obstante, a formação inicial de professores/as de Educação Física pode se apresentar como um espaço potente para preparar os/as futuros/as professores/as a possibilitar múltiplas aprendizagens para eles e para elas.

No entanto, estudos mostram que a formação de professores/as de Educação Física vem reproduzindo práticas excludentes e/ou que pouco preparam para trabalhar com as relações de gênero no espaço educativo (SILVA; QUEIRÓS, 2018; GRAU; FLINTOFF, 2012). Um outro estudo mostrou que as aulas de esportes coletivos de um curso de formação de professores/as de Educação Física reproduzem as relações de gênero cultivadas pelo cânone esportivo, o qual situa a maioria dos homens em posições privilegiadas (OLIVEIRA, 2020).

Nesta investigação, inspiramo-nos no conceito de gênero de Butler (2000; 2016) a qual prospectiva que os corpos performatizam gênero, são generificados. Assim, as noções de heterossexualidade e binarismo entre feminino e masculino são implodidas, sendo possível reconhecer os sujeitos como plurais.

Ao nos aproximar dessas problemáticas, objetivamos identificar e analisar os sujeitos que ocupam a arquibancada nas aulas de quatro esportes coletivos ofertadas em um curso de formação inicial em Educação Física.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Nesta pesquisa qualitativa (CRESSWELL, 2014) de inspiração etnográfica, buscamos mergulhar no contexto pesquisado (ANGROSINO, 2009), recorrendo as qualidades do olhar, ouvir e escrever as quais constituem o fazer etnográfico (OLIVEIRA, 2006). Foi realizada em um curso de Educação Física-Licenciatura de uma universidade federal do interior gaúcho, especificamente em 4 disciplinas de esportes coletivos, a saber: basquetebol, voleibol, handebol e futebol. Participaram 86 estudantes matriculados/as que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSM sob o número 18021219.2.0000.5346.

As fontes de pesquisa foram produzidas a partir da observação participante entre os meses de agosto e novembro de 2019, em salas de aulas, ginásios esportivos e campo de futebol, realizadas no mínimo uma vez por semana e registradas em diário de campo (CRESWELL, 2014), resultando em 123 páginas digitadas de diário de campo. Para fazer menção aos/as futuros/as professores/as (FP) que participaram da pesquisa e preservar o anonimato, serão utilizados nomes fictícios no decorrer do texto.

Para a análise das fontes de pesquisa, utilizamos o *software* Nvivo12, que auxiliou na organização e manuseio do material, contribuindo com o processo de compilação, decomposição e recomposição das categorias analíticas que contribuem para atingir o objetivo do estudo (YIN, 2016). Assim, os resultados serão apresentados a seguir à luz do referencial teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises realizadas, observamos que diferentes FP ocupavam as arquibancadas nos espaços em que ocorriam as aulas. Comumente, tais sujeitos repetiam a frequência nas arquibancadas por várias aulas durante o semestre letivo. Havia situações que os/as FP se direcionavam à arquibancada antes mesmo do início das atividades práticas das aulas. Vejamos:

“Havia 4 mulheres na aula, Joana participou ativamente. As outras três ficaram sentadas na arquibancada, sendo elas a Camila, Sandi e Luana.” (DIÁRIO DE CAMPO BASQUETE – 02/12/2019).

“O professor explica um exercício a ser realizado em duplas. Quando acaba de explicar, ligeiramente as duplas se posicionam para realizar a atividade, exceto a dupla das mulheres que são namoradas. Uma delas senta-se na arquibancada e a outra faz dupla com o monitor da disciplina.” (DIÁRIO DE CAMPO VOLEIBOL – 09/09/2019).

É possível notar que a maior parte das pessoas que ocupam a arquibancada nos certos supracitados são mulheres. Tal realidade, denuncia o esporte como um espaço de reserva masculina (DEVIDE, 2005), que definiu ao longo do tempo determinadas modalidades esportivas, níveis de rendimento, habilidades e capacidades físicas diferentes para homens e mulheres (GOELLNER, 2007). No caso do basquete, há um intervalo de 40 anos entre a inserção para os homens e para as mulheres nos Jogos Olímpicos (GONZÁLEZ et al., 2014), cujos efeitos ainda são possíveis de serem notados.

Analisando o diário de campo, percebemos que tanto no basquetebol como no voleibol, alguns marcadores sociais como a homossexualidade e as formas corporais

contribuem com a recusa em ocupar o centro da quadra esportiva. Tais corpos se afastam dos padrões festejados no contexto esportivo que ao serem lidos como abjetos, buscam conforto ao se afastarem do jogo. Tais resultados, foram observados em outro estudo que aponta que estudantes que se desviam das normas estabelecidas pela sociedade, seja em relação ao seu corpo ou sua sexualidade ao ocuparem as arquibancadas ou banco de reservas, podem produzir alívio para alguns/as colegas (SILVA; NICOLINO, 2020). Ao mesmo tempo, notamos que quando esses e essas estudantes participam da cena esportiva, não são requisitados/as para o jogo, como mostra o trecho de diário de campo:

“Durante o jogo percebi que a Alice, que ocupou a posição de ponta, ia para o ataque com sua equipe e voltava sem participar das jogadas. Depois de um tempo, começou a não ir tanto para o ataque, deslocando-se um pouco mais de meia quadra. Em seguida, ela deixa a quadra e senta a meu lado, dizendo ao Renan: cansei.” (DIÁRIO DE CAMPO HANDEBOL – 06/11/2019).

Tal situação é recorrente nas aulas, ou seja, a FP estava adequadamente posicionada na quadra de handebol para receber a bola em jogo, mas os colegas ignoram sua presença, uma vez que o jogo acontece entre as posições centrais quando ocupadas por homens (OLIVEIRA, 2020). Após múltiplas tentativas de participação ativa no jogo, a arquibancada se torna um refúgio e, ao mesmo tempo, uma ação de resistência. Não raramente, os homens são ensinados a dominar o esporte, situação que os favorecem possibilidades e recursos para acesso e permanência nesse espaço (HALL, 1990).

Ao perscrutar as fontes de pesquisa, ainda identificamos outros sujeitos que ocupam os lugares além das quatro linhas da quadra esportiva em diferentes situações. Vejamos nos excertos a seguir:

“Enquanto um exercício em duplas é realizado, Lucas, um aluno indígena senta na arquibancada afastado dos/as demais colegas. (DIÁRIO DE CAMPO VOLEIBOL – 09/09/2019)

“Ao todo na aula de hoje eram 11 alunos/as, sendo 4 mulheres. A atividade a ser realizada era de ataque e defesa com formação de trios. Assim, sobriam duas pessoas que revezariam durante a atividade. Os trios se formaram e o Maicon, aluno com [...], ficou na reserva. Sentou-se no banco do lado de fora da quadra depois da rede de proteção. Perguntei: não vai jogar, Maicon? Ele respondeu que era reserva e que iria esperar. Nas poucas atividades que é necessário esperar, Maicon fica na reserva. A outra pessoa com quem dividiu o banco foi a Bianca.” (DIÁRIO DE CAMPO FUTEBOL – 18/10/2019).

“[...] O professor reúne a turma e anuncia que chegou o momento do jogo e que hoje é necessário que dois alunos façam a arbitragem. Prontamente, três homens aceitam, e o professor escolhe os dois que falaram primeiro. Depois, distribui coletes pela turma, de modo aleatório, a fim de formar duas equipes. Desse modo, alguns/mas alunos/as, de cada equipe, ficam no banco de reservas para revezarem com quem estiver cansado/a. Ocuparam o banco que fica do lado de fora da quadra 5 mulheres e um homem que é homossexual.” (DIÁRIO DE CAMPO HANDEBOL – 13/11/2019).

Nesses excertos observamos que, sobretudo, as mulheres ocupam as arquibancadas, mas também homens, ambos/as marcados pela generificação de seus corpos, pela deficiência, pela homossexualidade ou por não exibir a etnia dominante. A competição e seus atributos, tão presente nas disputas esportivas, mesmo em um curso de formação de professores/as, afasta sujeitos que possuem corpos que fogem do que é considerado a norma – “homem, branco, heterossexual, de classe média, jovem e, por vezes cristão” (PRADO; RIBEIRO, 2014, p. 210). Além disso, a habilidade esportiva também pode ser um fator que, relacionado aos outros, contribui para hierarquizar os sujeitos nas aulas (ALTMANN, 2015), uma vez que alguns/mas dos/as FP não possuíam suas habilidades muito desenvolvidas.

Ao ancorarmos nossos olhares aos processos culturais e históricos que produziram uma Educação Física marcada pela centralidade dos conhecimentos biológicos, lembramos que estes fundamentam comportamentos e atitudes de homens e mulheres, inscrevendo-se nos corpos e interferindo no acesso e permanência nas práticas corporais e esportivas (GOELLNER, 2013).

Assim, a partir das fontes de pesquisa analisadas, notamos que o esporte dentro do curso de formação inicial de professores/as reproduz a lógica binária de gênero, em que o esperado em relação aos corpos masculino e feminino ocupa posição privilegiada e, ao mesmo tempo, exclui os sujeitos cujos corpos se afastam do sistema esportivo (CAMARGO, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que os sujeitos que ocupam a arquibancada nas aulas de esportes coletivos da formação inicial em Educação Física são mulheres, homens com deficiência, homossexuais ou indígena, conjuntura que denota o esporte como um lugar de supremacia de homens heterossexuais, brancos e sem deficiência. Assim, torna-se uma contundente necessidade ressignificar o espaço esportivo em seus diferentes âmbitos, sobretudo, na formação inicial em Educação Física, cujo cenário é privilegiado para prospectar uma educação esportiva humana e acolhedora das múltiplas identidades.

REFERÊNCIAS



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

ALTMANN, H.; MARIANO, M.; UCHOGA, L. A. R. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p.272-550, abr./jun. 2012.

ALTMANN, H. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMARGO, W. X. (A)Normalidades corporais e as (in)visibilidades esportivas. **Revista Contrapontos**, v. 22, n. 1, p. 117-133, maio 2021.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esporte: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, ago. 2007.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e Gênero: Desafios Educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-44.

GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M.; FERREIRA, A. F.; KRAVCHYCHYN, C. Basquetebol. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. (Orgs.). **Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee**. Maringá: Eduem, 2014.

GRAU, M. P.; FLINTOFF, A. Tomando el pulso a la perspectiva de género: un estudio de caso en una institución universitaria de formación de profesorado de educación física. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 15, n. 3, p. 69-83, 2012.

HALL, A. How should we theorize gender in the context of sport? In: MESSNER, M. A.; SABO, D. F. **Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives**. Champaign: Human Kinetics, 1990. p. 223-240.

MARTINS, M. Z.; LAURINDO, V. C. de S.; SILVA, B. S.; AZEVEDO, H.;

OLIVEIRA, D. As meninas não querem jogar? uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, p. 44-57, 2020.

OLIVEIRA, M. C. de. Relações de gênero, poder e resistência na formação inicial de professores/as de Educação Física. 2020. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Santa Maria, Brasil.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PRADO, V. M. do; RIBEIRO, A. I. M. Educação Física Escolar, Esportes e Normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais. **Revista de Educação PUC-Camp**, v. 19, n. 3, p. 205-214, set./dez. 2014.

SILVA, P.; QUEIRÓS, P. Fixar as questões de gênero no projeto de identidade profissional de professores e professoras. *In*: CONSTANTINO, José Manuel; MACHADO, Maria. **Desporto, género e sexualidade**. Lisboa: Visão e Contextos, 2018.

SILVA, M. A. A.; NICOLINO, A. Sobre lágrimas, corpos e silêncios pedagógicos: transitando entre educação física escolar, sexualidades e gênero. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 4, p. 1-19, out. 2020.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.